

*Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade
histórica da psiquiatria*

Vera Portocarrero

Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. Col. Loucura & civilização

Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria

Fernando Portela Câmara

Leitor de Kraepelin, com quem se correspondia em língua alemã, e também, como o mestre alemão, interessado pelas manifestações das doenças mentais nas diferentes culturas (a etnopsiquiatria ainda era um diletantismo intelectual), Juliano Moreira contrapunha decisivamente a escola alemã à onda francesa que dominava os trópicos. A psiquiatria brasileira estava em atraso, porque era preciso aguardar "... que as idéias e as doutrinas passem primeiro pelo filtro francês para que nos dignemos a olhá-las contra a luz...".

Esse baiano, mulato, singular, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e depois, no Rio de Janeiro, diretor do Hospital Nacional de Alienados, onde promoveu inovações que o fizeram aclamado fundador da psiquiatria brasileira, como instituição, segue uma tendência reformista que permeava a sociedade brasileira e tem em Oswaldo Cruz o seu protótipo.

É neste campo, social, que os estudiosos da obra de Juliano Moreira colocam sua vanguarda. O Brasil vivia a discussão da degeneração da raça por força da mestiçagem, aliás, tendo como defensor ilustre o médico maranhense Nina Rodrigues, com quem

Juliano Moreira marcaria polêmica. A outra grande discussão era que muitas doenças mentais eram próprias dos trópicos. Mestiçagem e doenças mentais dos trópicos marcavam a inferioridade da sociedade brasileira, ideologia que nutriu o pré-capitalismo e o capitalismo brasileiros e todos os projetos políticos até a revolução de 1930. Foi a época de uma resistência inaudita: quantos intelectuais, escritores, jornalistas, médicos, eram mulatos, como Machado de Assis, Luiz Gama, Lima Barreto, Juliano Moreira, entre muitos, coisa que hoje não é tão visível quanto antes?

Juliano Moreira foi um veemente opositor da teoria da degeneração, antepondo a esta famigerada teoria, os efeitos deletérios da sífilis, do alcoolismo, das más condições sanitárias, das verminoses, da educação deficiente, como os reais fatores do enfraquecimento do povo. Este espírito inaugura, no esteio desta bandeira, o movimento de higiene na saúde mental, fazendo visíveis os fatores do subdesenvolvimento e da miséria, obscurecidos pelo “ridículo preconceito de cor e de castas...”. De fato, Miguel Pereira dizia ser o Brasil “um imenso hospital”, clamando pela higienização da sociedade, abatida pelas endemias e miséria, e as expedições científicas de Oswaldo Cruz mapeavam doenças tropicais e focos pelo país. Juliano Moreira situa-se neste movimento como figura inovadora e revitalizadora da psiquiatria brasileira, liberando-a da passividade induzida pelo conformismo da raça degenerada, banindo o estigma medonho que aqui fora inoculado pelas oligarquias européias. Este movimento ganha força porque, então, nascia a medicina sanitária brasileira e o plano de higienização da população, tendo como um de seus ícones Oswaldo Cruz, saneando a febre amarela e a varíola. Pela primeira vez, o governo era responsabilizado pelo abandono das populações interioranas, justificado até então pelo já mencionado argumento pseudocientífico da fraqueza da raça pela mestiçagem e clima tropical, preconceito que, aliás, ainda persiste arraigado na sociedade brasileira, sob diversas formas e ideologias. Assim, a higienização dos povos e sociedades era agora vista como uma redenção, e ao lado de Oswaldo Cruz surge, na saúde mental, a figura de Juliano Moreira, na mesma estatura. Ambos são essencialmente higienistas.

Agora surge o livro *Arquivos da loucura: Juliano Moreira a a descontinuidade histórica da psiquiatria* de Vera Portocarrero, em que a contribuição de Juliano Moreira é vista dentro da história da psiquiatria brasileira, enfocada sob o pensamento foucaulteano. A autora situa um ponto de inflexão na psiquiatria brasileira com a chegada de Juliano Moreira na direção do Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro. Ele introduz a doutrina de Kraepelin, restabelecendo o organicismo na psiquiatria, cria laboratórios de anatomia patológica, organiza os serviços de registros e estatística, aprimora o treinamento de enfermeiros e médicos, elimina as grades, os coletes e as camisas-de-força, e insere a psiquiatria no movimento higienista. A autora examina, ainda, a visão

de Juliano Moreira, fruto das idéias de seu tempo, como sua ética acompanha o seu saber, e como a psiquiatria brasileira, até então especialidade marginal na medicina, ganhou *status* e importância.

Talvez seja hora de rever esta história, ao menos substanciará o que há de verdade e manipulações nesta política de saúde mental que ora viceja no país.

Obs.: Sobre Juliano Moreira há também o livro de A. Passos, sobre a vida e a obra de Juliano Moreira, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1975; a correspondência de Juliano Moreira e Kraepelin já foi apresentada por P. Delgalarrondo na coletânea *Civilização e loucura: uma introdução à história da etnopsiquiatria*, São Paulo: Lemos, 1996; e uma memória sobre Juliano Moreira foi publicada por AMGR Oda e P. Delgalarrondo, “Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico, *Ver. Bras. Psiquiatr.*, n. 22, p. 178-9, 2000.